

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO II

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 12 de Novembro de 1899

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 46



Organ do «Apostolo» «Sapão».

13 de Novembro

E' amanhã, *povo sem fé*, como diz o muito illustre e abalizado escriptor de Paranaguá, Manoel Cândido, que realisa-se a prophesia de

E' amanhã que veremos o chamado estreitar-se sobre as cabeças, asfixiando-nos; veremos o solo oscillar rapidamente como um seio offegante.

Fogo! Fogo! O espaço em chamas; na crosta terrestre, enormes brechas entreabrem-se deixando ver lá no fundo! a massa ignea e effervescencia; emanações sulfurosas empestando a atmosphera; o solo crescendo, as águas-invadindo tudo... primeiro o fogo, depois a agua.

A morte! A morte! por toda a parte. Gritos, agudos, gemidos lancinantes, suspiros doloridos, dos que agonizam estertorando em convulsões epilepticas das ultimas contracções.

Tudo assombroso!

O sol, immensamente rubro, afogueando o ceu com os seus reverberos sanguinolentos, assiste impassivel a destruição do mundo. Até o proprio Falb, no seu laboratorio, fazendo o ultimo calculo, ha de sentir, faltar-lhe sob os pés, as taboas do soaltho... tudo! tudo! succumbe.

Depois o espaço, o grande espaço incandescente, ultimo destroço da da revolução planetaria.

Tudo isto se ha de realisar... na imaginação dos simples; daquelles que creem na caldeira do Pedro Botelho, no cavallo sem cabeça, no abaixamento do solo noticiado pelo «Diario» etc...

Pessimismo

A Lothario Aust.

Eu não comprehendo esse fatal strabismo Com que se encaram as humanas cousas... Não ha só espinhos e não ha só rosas Orlando a beira do profundo abysmo...

Porque negar o meritorio altruismo! Expôr do mundo as faces enganosas? — Hortos de amor tambem; não só lodosas Vasas de infamia, ou tremedal de egoismo.

O' scepticos, negaes até os carinhos De vossas mãos... Vós sois os turbadores Da paz; encheis de cardos os caminhos...

Se o homem não calca unicamente flores, O chão não e juncado só de espinhos; Oh! o existir não se resume em dores!

AFRAN.



Poema em prosa

ELLA...

Eu amo-a e admiro-a!.. Ella é formosa e sublime!..

Pallida ao raiar da aurora, corada e louça durante o dia, é melancolica ao entardecer.

E' irrequeta e caprichosa... As vezes despe-se; na nudez é ainda bella porém de uma belleza sombria... Quando veste-se é formosissima; sabe adornar-se com garidice.

Gosta muito das flores e sua cor predilecta é a verde.

E' fecunda e casta. Caridosa, soccorre a todos que a imploram; prodiga, distribue generosamente os seus dons.

Alenta os desanimados e inspira os poetas!..

Eu amo-a e admiro-a porque ella é bella e sublime... A Natureza!..

ALMEIDA ARAUJO.

Curitiba-28-10-99.

Domingo gordo.

Pairava pelo quarto O effluvio electrisante e capitoso e farto De flores em estufas quando Viemos do baile. Ah! que fadiga enorme E que inveja de quem, sonhando, Na cruz de uns braços femininos dorme...

Aurorecia quasi. A paz dos justos, Depois das emoções da saturnal, Nos iamoz gozar, unindo os bustos Suavemente...

— Era no carnaval.

A minha caprichosa e trefega sultana Teimara em assistir um baije a phantasia, Escolhendo para isso um traje de gitana Lantejoulado e breve em que tremeluzia O reverbero irial das contas de vidrilho. Para não discrepar da minha bella Dama Tambem hespanholei-me: fiz-me um andarilho Armado de arcabuz, como os da Guadarrama

Foi um successo quando, vaporosa, A audaz gitana, em expressão faceta, Guizos tirido e ao som da pandeirêta, Rompeo. soberba a joia salerosa.

Fez logo roda a turba e calorosa, Preza, talvez, de subita veneta, A cada copla, a cada pirueta, Girandolava uma ovação ruidosa.

E o enthusiasmo crescia quando a leve Gaze do salote ethereo voava Pondo em relevo formas cor de neve...

E crescia e subia de tal-arte Que a gitana tremia, mas dançava Vendo-me ao lado e mais o bacamarte...

Ao romper d'alva enfim ambos repletos De palmas, d'ovações, de riso e vinho, Bartimos procurando o nosso niuho Cheio de gosos calmos e discretos.

Ja havia pelo quarto De flores o perfume estonteador e farto, Mas quando ella abriu, entre bocejos, O corpete azul de damasquillo Rescendeo pela alcova o cheiro de junquillo Vindo de uns pòmos nús. que estrellejei de beijos.

D. JEAN LASCIVO.

Curitiba.

Ao meu charuto

Por mera distração (porque tempo já tive)
Ainda não fumei-te, oh! meu charo Charuto!
Agora que o Tormento em minh'Alma revive
Anda d'ahi commigo em caça deste bruto.

Eu quero vel-o morto a sombra do reducto
Onde meu peito mora, onde minh'Alma vive...
Eu quero vel-o todo em fumos dissolutos
Para rir-me depois do carcere em que estive.

Quero vel-o a voar com a fumaça branca
Que tu fores largando em gargalhada franca
Por esse espaço a fóra em nuvem transparente.

E tu, meu bom amigo, irás também vagando
Por esse mundo a fóra a rir no alegre bando...
Quem mata o Mal sorrindo é Mal incongruente.

Genesio Marinho.



Expressões

O «Novidades» o nosso collega por excellencia sympathico, redigido por M. Pio Corrêa, já conhecido dos nossos leitores através de um bellissimo conto que n'estas columnas transcrevemos—disse;

«Recebemos de Curityba os ns. 39 e 40 d'«O Sapo.» a jovial folha a que uma pleiade de moços talentosos dá sua *verve* inexgotável. Desta vez, porém, os numeros trazem bellas photo-zincographias de dois dos nossos collegas: *Leite Junior* e *Thales Saldanha*. Brevemente publicaremos um primoroso canto de *Plinio Marques*, outro collega d'«O Sapo».

Da «Luz» collega espirita, sob as luzes do talento masculino de Alfredo Munhoz, retiramos:

O SAPO.— Esta sympathica e interessante Revista acaba de conseguir mais um melhoramento.

Nítidamente impressa e inteligentemente collaborada, tem trazido ella em excellentes *clichés*, os retratos dos seus distinctos fundadores.

Parabens ao collega,

«O Sapo» agradece penhoradíssimo, as expressões dos dignos collegas.

SEPTENARIO

Hoje, caro leitor, o vosso pensamento não será elevado pelas azas brancas do estylo delicado; vossos olhos não devarão esses palacios de grandes columnas artisticamente talladas e crivadas de relevos preciosos! O delicado Artista que, tão soberbamente burila esses fragmentos de columnas, têm o seo coração de filho amantíssimo apunhalado por uma dor intensa.

A Morte, a inexoravel de todos os tempos, veio abrir, roubando-lhe a vida do seo estre-mecido Paé, um vazio enorme em a sua carreira de Apostolo das letras.

E é sobre esta sepultura ha pouco aberta, e, tão sagrada ao nosso distincto collega

Indisereções

VIII

Cantem os céus uma canção fremente!
Brinquem os anjos n'um jardim risonho!..
—Oh! sol que nascees sol um véo tristonho,
Enflora-te de riso, alegremente!..

O clero que do lado do poente
Tem tido, n'um viver negro, medonho,
Pezadêlo infernal de eterno sonho,
Vae hoje ter mulher publicamente!..

Do Padre o casamento era secreto,
Mas agora se casam por decreto
Conforme preceitua *teis divinas*...

E' preciso, porém, por seriedade,
Pra evitar confusão na sociedade,
Que os vigarios *sepulsem* as batinas.

LEVY.



O celibato no Clero

SEM RUMO

A *Tribuna*, um dos jornaes mais acreditados do Chile, publicou uma encyclica onde o Papa Leão XIII concede permissão especial aos padres da America latina para se casarem.

Sua Santidade fundamenta a sua importante resolução em argumentos que se nos afiguram muito relevantes

Considera não ser o celibato ecclesiastico de direito divino, e sim determinado pelos concilios e pelos Papas, em eras remotas, quando todos queriam ser padres ou frades; nos tempos actuaes, e especialmente nos países da America latina, os moços que darião excellentes sacerdotes recusam-se a entrar para os seminarios por causa do celibato forçado, o qual, diz S. Santidade, «se bem que rodeia de grande respeito e autoridade o sacerdote, também é verdade que exige uma virtude e um sacrificio heroico, para os quaes se torna necessaria uma graça especialissima de Deus, o que por elle nem a todos é dada.»

Conclue a encyclica:

«Damos liberdade aos sacerdotes da dita região para contrahirem o matrimonio, sem, todavia, deixarmos de aconselhar como mais perfeito, digno e santo o conservar-se em celibato.»

Este ultimo topico pôde trazer consecutarios inesperados, dos quaes talvez não cogitasse Leão XIII.

Vamos ter padres casados e ditos solteiros.

Virgolino Brazil, que eu, um dos seus mais fervorosos admiradores, venho em nome do «Apostolado Literario», de que é elle digno Redactor-Secretario, espalhar goivos e saudades.

O *Atimach Paranaense*, surgiu e foi aclamado *in totum* pela maioria da imprensa do Estado.

Agora, depois que o excellentemente acreditado annuario se impoz, passou victorioso de norte a sul do Estado, vem a *publica* «Estrella», em o seo numero 83 de 5 do corrente, descobrindo na parte litteraria «algumas peças que offendem um tanto a moral.»

Ao que me parece, vai abaixo uma dellas:

«Certa mulher casada, ha mais de um anno, Desgostosa do *esteril* casamento, Rogava á superiora de um convento Uma reza efficaz contra o *seu damão*.

Ora, os feis catholicos, affeitos com longo habito e seculares preconceitos a ver nos padres uns homens exceptionaes e insexuaes repugnarão os casados e d'ahi ahi ahi ahi aos solteiros, baseando-se tambem na recommendação final do Papa.

Conheço devotos e devotas que jamais ouvirão uma missa celebrada por sacerdote chefe de familia legitima, muito embora seja elle modelo de virtude e de zelo religioso.

O preconceito inventado fal-os considerar a moralidade de um religioso differente da de um leigo; a força do habito convenceu-os da incompatibilidade radical entre a batina e o matrimonio, entre a corón e a paternidade.

Nota ainda mais curiosa, reveladora da boçal irreflexão de certas creaturas: os mesmos devotos que se arrepêlo á idéa do padre casado e não de recusar os seus sacramentos e officios, accitam piamente os serviços divinos de sacerdotes celibatarios cuja vida desregrada e escandalosa é de todos conhecida.

Fingem ignorar manifestando hypocrisia inda maior.

A Curia Romana, que abrio aquella excepção para os padres latino-americanos, deveria obrigar o casamento pela mão direita os que o são pela esquerda, punindo severamente os celibatarios que não regularizassem perante o altar a sua situação.

Tambem deve prohibir o uso da batina para os pais de familia, quando sahirem acompanhando mulher e filhos.

Batina ao lado de saia *n'est pas bien assorti*; mesmo porque, a certa distancia pôde dar logar a equívoco.

Do *Jornal do Commercio*.

Illuminura

(N'um taque chinês)

No jardim d'um castello derrocado,
Das paragens sideraes do Oriente,
Por entre um espinheiro desolado,
Surgio, um dia, linda flor silente.

E a alvorada, a sorrir—roseo noivado,—
Coloria, sorrindo, a flor, fremente,
A bella flor, nascida no silvado,
Que tinha, a cor do rubido poente...

Entre as urzes, também, das minhas maguas,
Entre os escombros do meu coração,
O Amor, brotou, febril por entre fragoas...

Da Esperança raiou virente aurora,
Mas o ciúme cruel — o Deus pagão,—
Me venceo, afinal, loira Senhora!...

Paranáguá — 26 — 10 — 99.

HILARIO DURVAL.

Uma reza efficaz? pergunta a freira,
Remedio salutar dizer-vos posso;
Não precisades rezar a noute inteira;
Tal milagre fará...um padre nosso.»

Eis ahí onde os da «Estrella» descobriram offensa a moral!

A minha vingança é que desmoralizados estão elles, depois da nova encyclica papal, ordenando o casamento!

A *união* de dois seres de sexos differentes, é um peccado, «offende um tanto a moral.»

Com se arranjarão?...!

E' o caso de uma boa gargalhada: ah... ah... ah... ah... ah... ah...!

Impagaveis os da nossa tão cara collega, nestes ultimos tempos.

Pizzicatos...

Um velho de barba grande propheta,
Se o cometa cecar a terra o immenso rabo,
Deremos amada um samba, uma folia,
Um medonho bânzé, um samba do diabo.

Não devemos porem tener o tal cometa,
Devemos esperal-o alegres, com coragem,
O Falb pôde ser um passador de puta
Embora elle não seja um sabio de bobagem.

Eu só sinto uma couza e sipto muito mesmo,
—E só em me lembrar me dóe o coração,
E queimado morrer, ficar como um torresmo,
E mais negro talvez que um naco de carvão.

O mais pouco me importa, eu sou bem corajoso
Corajoso de mais não corro de caretá.
Por isso hei-de morrer contente, jubiloso,
Com os olhos no céu e o nariz no cometa!

DILETTANTE.

Bolhas e robas...

Novenas de Maria! Novenas de Maria!

Eil-as, emfim, adoráveis e cre-
dulas leitoras, eil-as engrinaldando
de mystica poesia estas tardes bel-
lissimas e tepidas já tão cheias de
encantos, já tão repletas de uma
nostalgia inspiradora, emocionante
e simples.

Agora esses pobres visionarios
que por ahi andam a mirar evoca-
mente os occasos enfulvecidos,
e sangrentos crepusculos deste
colido Novembro irão, attrahidos
pelo baombâr festivo dos carilhões
cathedralescos, sonhar, por alguns
instantes, entre nevoas de incenso
espiralante, na placidez suggestiva
do Santuario. E ahi, a um canto,
obscuramente, hypnotisados pelo
esplendor ferico do templo, enle-
vados pelo rhythmo passional dos
canticos divinos, ficarão n'um som-
nambulismo extranho, deixando o
pensamento, as soltas, voar—azul
em fóra--n'uma revoadá subtil de
idéas phantasistas.

Eninguem dirá, ao vei-os genu-
flexos e recolhidos na beatifica atti-

tude de fleis devotos, que elles
estão longe, muito longe, absortos
dentro de um sonho risonho, ás
vezes, e luminoso e bello, outras,
acerbamente desolador e triste.

Ninguem dirá porque ninguem
os nota, porque a multidão menos-
preza e avilta--quanto ridiculo!--
esses forasteiros que passam por
entre ella, indifferentes e soberbos,
tangendo o sistro sonoro das Aspi-
rações sublimes.

Embora! ainda assim serão fel-
zes —loucos e felizes! — porem
mais venturosos ainda são esses
asininos de flor na *boutonniere*, ir-
reprehensivelmente escanhoados e
vestidos — o cerebro ôco, as algi-
beiras vasias, isso que importa? —
que correm pressurosos a Igreja e
transformam-n'a sacrilegamente em
liça de estupidos torneios amoro-
sos. Ah! Esses felizardos sabem
tudo, rezam tudo, veem tudo;
mas saem do Retiro Santo incapazes
de contar a cor da sobre-pelliz
que envergava o sacerdote offician-
te! Em compensação — ô quanta
perspicacia! —poderão citar os no-
mes de todas vós, adoráveis cre-
dulas, e descrever, com exorbitan-
cia de minuciosos detalhes, as vos-
sas respectivas *toilettes* por mais
arribicadas e incompreheisíveis.

Mas, por isso não se pode con-
demnar-os tanto mais que as nove-
nas de Maria, é sabido, são, actu-
almente, uma solemnidade quasi
profana pela qual os enamorados
suspiram porque ella traz em seu
amplo bojo a larga copia de trinta
rendes-vous seguidos!...

Portanto fazem bem aproveitan-
do o ensajo e comnosco não de
pensar tambem as formosas *devo-
tas* que, todas as tardes em bando,
garridas e garrulas, trescalando a
jecky, peau d'Espagne e outras
essencias finas, passam — tramite
da cathedral onde rezam, com os
olhos languidos e ternos fitos no

missal dos olhcs d'*elle*... piedosa-
mente!...

Esplendida tolice, delicioso al-
coviteiro o mez mariano!

Tem razão, muita razão, os la-
mechas em adoral-o tanto. E é bem
justo tambem que depois andem a
azoinar os ouvidos alheios com a
lamuria de threnos estropeados,
decorados, affim, na trigesima no-
vena....

«De Maria celebremos
Toda gloria e formosura,
Invoquemos, adoremos,
Tão sublime creatura.»

ôôôôôô ôô, fi-ru-li-ruli-oão!

Isto aqui é a voz onomatopaica
do orgão que rompe logo em segui-
da ao canto....

Não resta duvida: magnificas
as festas que sob o rotulo — nove-
nas de Maria—se fazem em louvor
de Eros.

Magnificas até para os pobres
visionarios que vão, a um angulo
obsuro do Santuario, sonhar, pal-
pebras semi-cerradas, mal distin-
guindo as nuances dos vitraes mul-
ticoloridos esbatidos pelos reflexos
sangrentos de crepusculos rubros,
tragicamente rubros...

MARIO LAMÓR.

Amanhã 13 de Novembro

Todos nós, felizes mortaes, que assistimos
a agonia estupenda deste seculo extraordina-
rio teremos, amanhã á noite, a ventura inaudita
de apreciarmos, durante o lapso de cinco horas,
um espectáculo verdadeiramente maravilhoso—
a chuva de estrellas cadentes ha tanto tempo
e com tanta precisão annunciada pelos Sabios
de Astronomia.

Esse phenomeno, aliaz já observado em
1799, 1833, 1866 e 1886, será de um esplendor
incomparavelmente superior aos precedentes
visto atravessar a terra, litteralmente,
uma expressa nuvem de meteoros.

Assim, não percam os nossos desabusados
leitores esse bellissimo e soberbo espectáculo
que é, talvez, a derradeira surpresa resarva-
da a Humanidade pelo seculo XIX que, sendo
das *luzes*, quer morrer, como é de justiça,
n'uma apothose collossal de estrellas!

E, para encurtar historias, acho bom ter-
minar com a seguinte phrase do evangelho,
já que fallamos com padres:

Pulsate et aperietur vobis.

Tempo incorrigivel. O sol, o grande Senher,
já não nos dá a suprema ventura d'uma pa-
lestra longa!... Quem sabe se receia elle a
realisação da propheta Paib e por esta razão
está humedecendo, humedecendo, para abran-
dar a temperatura do dia fatidico, ou mesmo
para frustrar os planos, fazer uma surpresa a
todo um povo, surgindo radiante, mais ex-
plendoroso que nunca?!

Será uma boa *pepa*, que dizem?

SATYRICO.

Hontem com a «Gazeta do Povo» e a
Vieira, hoje com o *Almanach Paranaense*.
Mas, o que me admira n'isto tudo é a coragem,
a satisfação, que têm a *moralista* em reme-
cher todas essas *porcarias*, quando deveria fechar
os olhos e fazer o competente *peito signal*;
mesmo porque: « diz Nosso Senhor Jesus
Christo d'aquelles, cuja cortezia, delicadeza
e cavalheirismo não tem por base a mora-
lidade e o decoro: (o gripho é meo) *Hypocri-
tas que suis semelhantes aos sepulchros
branqueados, que parecem por fóra formosos
aos homens, e por dentro estão cheios de
mortos e de toda a podridão.*

Nem a proposito desobri o que ficou acima,
no n. 75, de 3 de Setembro deste anno.

Nem a proposito porque: fazendo o orgão
do infallivel, attendendo-se a enorme somma
de annos, imprimir em suas columnas, o que

passo a transcrever do n. 75 — «os homens
uivam e rincham e meretrizes representam a
Belleza e as mulheres finalmente rebolam por
debaixo das mesas — « a mulher fica degra-
dada da alta posição, que ella occupa na
humanidade, sendo rebaixada até a um mero
objecto ou instrumento dos gozos impuros de
homens lascivos» — prova que desconhece o
sentimento de decôro e por consequente está
incurso na falta do «meigo Jesus, cheio de
bondade e candura.»

Quem fez o homem?

—Foi Deus.

—Logo elle que fez o homem a sua imagem
e, mais tarde lhe deu uma mulher por com-
panheira, cogitou da moral e da immoralidad.
que deveriam presidir todos os seus actos..

Vendo-a de novo

Hoje, dulcida Flor, que novamente
Vejo-te bella e casta como outr'ora;
Pulsa o meu coração todo contente,
Toda minha alma de prazer se inflora

O teu magico olhar resplandescnte
Desfaz o véo da ausencia que apavora,
E fez dentro em meu peito alegremente
Surgir do amor a rutilante aurora.

Vieste enfim maravilhosa e pura
Rara Diva de rara formosura,
Excelsa Flor dos meus sonhos magos

E arrancaste-me d'alma agros espinhos
Com teus beijos de amor, com teus carinhos,
Com a musica febril dos teus affagos...

ADOLPHO VRNECH



S. Portuguesa Beneficente

Primeiro de Dezembro

Eligeu a 5 do corrente a sua
nova Directoria para os annos de
1899 a 1900, esta benemerita asso-
ciação.

Agradecemos a gentileza da com-
munição, e reiteramos mais uma
vez os nossos protestos de admi-
ração.

Consequencia dos beijos

O beijo como remedio soberano!
Pôde haver coisa mais grata, mais
sentimental, mais poetica?!

Dão-nos esta novidade as mais
graves revistas scientificas estran-
geiras.

O beijo, em vez de levar consigo
uma ameaça de contagio ou de morte,
como pretendiam bacteriologistas
antiquarios, é, segundo alguns bac-
teriologistas modernos, um meio
excellente de administrar um micro-
bio tonico de grande utilidade para
ajudar a digestão. As aguas mineraes
gazozas mais acreditadas nada valem
comparadas com o effeito medico-
tonico que pode produzir n'uma
pessoa de digestão penosa uma du-
zia de beijos dados por uns labios
appetitosos.

Já sabiamos que os beijos são
tonicos. A nova theoria consiste em
que, por meio dos beijos, se estabe-
lece troca de microbios mensageiros
de saude.

E' caso para perguntar, se isto é
sciencia, sentimentalismo ou mytho-
logia.

Os beijos, dados ou recebidos com
excesso, produzem effeitos contra-
producentes, como acontece com os
medicamentos.

Recentemente, um jornal de Ber-
lim noticiou que um allemão, resi-
dente naquella cidade, tinha feito a
inverosimil aposta de que daria
10.000 beijos á sua noiva no espaço
de dez horas. Discutindo-se o caso
n'um foyer, onde estavam muitos
artistas, litteratos e medicos, — os
primeiros sustentaram que a aposta
não tinha nada de extraordinario, e
qualquer namorado faria outro tanto
com muito gosto — ao passo que os
medicos foram de parecer contrario,
allegando a fadiga physica.

A discussão tornou-se acalorada e
a breve trecho resolveu-se que o mel-
hor era uma prova real.

Anna Held, uma actriz que, a jul-
gar pelos retratos, deve ser muito
gentil, prestou-se a executar *in ani-
ma cili* a curiosa experiencia.

Foi escolhido o actor Steger para
a pôr em pratica. Como se tractava
de gente de theatro, acostumada a
beijar-se em scena, a coisa nada
tinha de particular.

Principiou a experiencia. Uma das
pessoas presentes contava os beijos;
outra, com o relógio na mão, verifi-
cava o tempo decorrido.

Ao centesimo beijo; as feições de
Steger estavam contrahidas e indi-
cava fadiga.

Anna Held, muito pallida, agar-
rava-se nervosamente á cadeira.

O allemão ficou muito surprehen-
dido, quando lhe disseram que só
tinha dado cem beijos. Julgava que
já passavam de mil!

Mas, como não era permittido
descansar, o *exercicio* recommen-
çou com mais presteza que ao principio,
sendo difficil distinguir quando aca-
bava um beijo e principiava outro.

Ao chegar ao beijo 110, Anna
Held estava quasi desmaiada e,
quando Steger deu o osculo 150, a
actriz, semi-morta, deixou pender a
cabeça para traz e declarou-se ven-
cida.

O auctor declarou que estava dis-
posto a continuar, mas o seu aspecto
desmentia a affirmativa; cambale-
ava, e a custo se sustinha nas
pernas.

Vê-se, pois, que os poetas de to-
das as épocas sempre tiveram razão
comparando o prazer a um fogo fatuo
ou á espuma das ondas, ora branca,
ora desvanecida.

Quanto aos namorados, que no
fim das suas cartas enviam mil beijos
às noivas, não sabem o que escre-
vem, e de hoje em diante não terão

desculpas de repetir semelhante ga-
lanteria.

Mil beijos seguidos são a morte,
segundo a prova da experiencia que
acabamos de narrar—única no ge-
nero, com toda a certeza.

(Extr.)

Club Pontagrosense

Esta symphatica associação da
visinha cidade de Ponta Grossa,
em sessão de assembléa geral no
dia 29 do mez proximo findo, ele-
geu a nova Directoria que tem de
servir de 14 do corrente a 14 de
Novembro de 1900.

Felicitando-a, agradecemos a par-
ticipação, e dando votos pela sua
prosperidade.

Novidades

Este valente campeão da imprensa
paulista, suspendeo por alguns dias
a sua publicação, devido a monta-
gem de officina typographica. O
nosso illustrado confrade M. P.
Corrêa, seo director-proprietar,
dirigio-nos n'esse sentido á circ-
lar que abaixo publicamos.

Damos parabens ao collega por
mais este melhoramento, prova in-
discutivel do genio emprehendedor
do nosso illustre confrade.

Eis a circular:

«S. Paulo, 30 de Outubro de
1899.—Illustrados collegas: Diffi-
culdades oppostas pelo proprietario
da typographia onde o «Novidades»
foi impresso durante treze mezes
(18 de Setembro de 1898 a 22 de
Outubro de 1899); collocaram-nos
na absoluta necessidade de deixar
de dar, com a regularidade que
sempre mantivemos, os ns. 56 e
57 desta folha; porém, com a maior
actividade, estamos tratando da im-
pressão do n. 56, «em typographia
propria, e o qual dentro de poucos
será distribuido.

De vossa proverbial gentileza
espera o signatario uma resumida
noticia deste facto, na primeira edi-
ção de vosso conceituado jornal, o
que muito obrigará a quem tem a
honra de subscrever-se vosso etc.»

Julio Rossle

LECCIONA

Inglez, Allemão e Escriptura
Mercantil.

Os interessados queiram dirigir-se
á praça da Ordem n.º 4 (esquina da
rua S. Francisco).